



REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS NO TERREIRO DE CANDOMBLÉ ILÊ AXÉ OJUOMI

Luciana Alves Firmo¹

RESUMO

A disciplina "Metodologias, Aprendizagem e a Educação das Relações Étnico-raciais 2023" proporcionou uma abordagem inovadora ao ser realizada de forma imersiva no terreiro de candomblé Ilê Axé Ojuomi, no bairro do Ibura, em Recife-PE. Sob a orientação dos Professores Doutores Marcos Barros e Ivanildo de Carvalho, a disciplina do Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências e da Matemática da UFPE teve como objetivo desenvolver competências para desenhar e implementar propostas de atividades envolvendo a educação das relações étnico-raciais (ERER). A metodologia adotada incluiu aulas com debates, atividades interativas, práticas e trabalhos em grupo. A vivência no terreiro permitiu uma imersão profunda nos conteúdos, proporcionando uma compreensão mais ampla das práticas educativas decoloniais e da importância da oralidade nas religiões de matriz africana. A discussão sobre metodologias ativas, inovação pedagógica e questões decoloniais proporcionou reflexões significativas sobre o papel da educação na desconstrução de preconceitos e na promoção da equidade. Durante os encontros, os participantes tiveram a oportunidade de vivenciar diversas atividades, como oficinas de dança e percussão, apresentações teatrais e rodas de conversa com coletivos focados na cultura afro-brasileira. Além disso, foram realizadas visitas a escolas próximas ao terreiro, onde foram desenvolvidas atividades com os estudantes, visando despertar o pensamento crítico-reflexivo sobre as questões étnico-raciais. A interação com a comunidade local e a participação em eventos como o Feijão de Ogum proporcionaram uma experiência enriquecedora, reforçando a importância do diálogo entre a universidade e os espaços comunitários na promoção da educação das relações étnico-raciais. Ao final da disciplina, os participantes foram convidados a desenvolver projetos de intervenção escolar para quatro escolas do bairro do Ibura, consolidando o aprendizado adquirido e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. A experiência vivenciada no terreiro de candomblé Ilê Axé Ojuomi permitiu uma reflexão profunda sobre as práticas educativas e o papel da universidade na promoção da diversidade cultural e na luta contra o racismo. A imersão no contexto religioso afro-brasileiro proporcionou uma compreensão mais ampla das questões étnico-raciais, reforçando a importância do respeito e da valorização da diversidade como fundamentos para uma educação mais inclusiva e transformadora.

Palavras-Chave: Metodologias Ativas. Educação das Relações Étnico-raciais . Terreiro de Candomblé. Equidade . Inclusão.



1 INTRODUÇÃO

No Brasil, os terreiros de candomblé desempenham uma função importantíssima na preservação das tradições religiosas afro-brasileiras, garantindo a perpetuação dos rituais, cânticos e conhecimentos ancestrais. Além disso, são espaços de resistência e luta contra a intolerância religiosa, promovendo o respeito e a valorização da diversidade cultural. A partir das suas metodologias e aprendizagens, os terreiros contribuem para o fortalecimento da identidade e da autoestima dos adeptos, bem como para a construção de uma sociedade mais justa e plural. Por isso, o Terreiro de Candomblé Ilê **Axé Ojuomi**, localizado no bairro do Ibura, em Recife/PE, foi o espaço escolhido para a disciplina de mestrado “Metodologias, Aprendizagem e a Educação das Relações Étnico-raciais” realizada de forma imersiva no primeiro semestre de 2023. Ela foi ministrada pelos Professores Doutores: Marcos Barros e Ivanildo de Carvalho e ofertada pelo Programa de Pós- Graduação em Educação em Ciências e Matemática da UFPE.

A metodologia para a realização dessa disciplina foi especificada no seu espelho através da lista das estratégias:

- Aulas com debates de temas relevantes para a disciplina, em um primeiro momento, utilizando-se de tecnologias e demais artefatos educacionais;
- Aulas interativas, por meio das discussões dos temas abordados, considerando as experiências pedagógicas e a formação dos discentes;
- Aulas práticas com dinâmicas a serem vivenciadas pelos discentes, no sentido de motivá-los à reflexão sobre os temas em foco;
- Trabalhos em grupo, promovendo-se a construção de aprendizagens compartilhadas e colaborativas.

E os seus objetivos foram:

- Desenvolver competências que lhes permitam desenhar e implementar propostas de atividades envolvendo educação e as relações étnico-raciais (ERER);



- Conhecer e caracterizar metodologias ERER, além de novos arranjos pedagógicos para a sala de aula;
- Planejar atividades pedagógicas e desenvolver instrumentos de avaliação para aprendizagens suportadas por metodologias ERER.

Nessa disciplina, além de muitas leituras, a vivência dos conteúdos foi o ponto forte da aprendizagem. Foram dois finais de semanas repletos de estratégias didáticas enriquecedoras que permitiram aos participantes sair do material teórico e vivenciá-lo na prática. Porém ao longo de todo semestre letivo os estudantes foram provocados a interagirem com os conteúdos e os demais participantes para construir várias propostas de projetos de intervenção escolar para 4 escolas recifenses com foco nas relações étnico raciais.

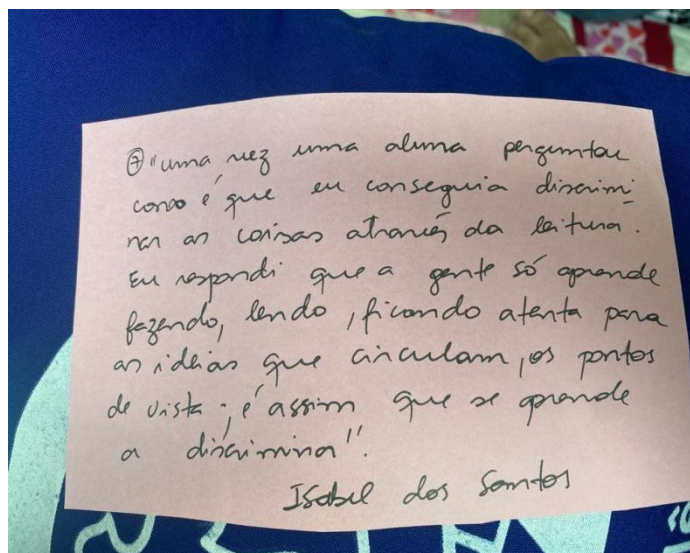
2 MÓDULO I – TEORIA E VIVÊNCIA

No primeiro final de semana da disciplina, eu que nunca tinha estado num terreiro de Candomblé me impactei com a energia do lugar. Senti-me acolhida e afagada por todos que estavam ali presentes, principalmente após a apresentação da vocalista oficial do afoxé **Omo Nilê Ogunjá**, Nalva Silva, que nos recebeu cantando uma das canções do seu grupo.

No primeiro encontro, o professor Dr. Marcos Barros nos trouxe importantes reflexões sobre as metodologias ativas, afirmando que toda metodologia é ativa pois todas elas devem ser focadas na aprendizagem dos alunos e não há aprendizagem sem um trabalho ativo do estudante. A partir disso, continuou com suas provocações trazendo o livro de Isabel dos Santos (2002) que revolucionou o ensino da enfermagem. Lemos o livro, quase todo, através de trechos selecionados pelo professor e entregue aos grupos que foram formados na turma. Eu pude ler um dos, cito : “Uma vez, uma aluna perguntou como é que eu conseguia discriminar as coisas através da leitura. Eu respondi que a gente só aprende fazendo, lendo, ficando atenta para as ideias que circulam, os pontos de vista; é assim que se aprende a discriminar.”



Imagem 1 - Trecho do livro sobre Isabel dos Santos



Fonte: a autora

O trecho do livro que foi lido foi usado para demonstrar como Isabel dos Santos, já na sua época, percebia que ao estar imerso em algum processo de ensino e aprendizagem, o professor precisa ter várias estratégias didáticas para envolver o aluno. Sobre o engajamento do estudante, Marcos também pontuou que a metodologia ativa usa a paixão para encantar o aluno. Para isso, a mesma aula não deve ser usada repetidamente, visto que as metodologias ativas trabalham sobre o contexto. É importante conhecer seu estudante, fazendo questionários de antecipação como o que foi feito para essa disciplina. Antes de chegarmos a esse primeiro encontro, os professores titulares enviaram e-mails, criaram um grupo no *whatsApp* e solicitaram que cada um de nós enviasse um vídeo curto se apresentando. Fiquei muito feliz e motivada em ser a primeira estudante a enviar esse vídeo e, por causa disso, receber um presente dos professores.

Continuando a discussão sobre metodologias ativas, adentramos sobre a teoria da conversação nos levando a refletir se o estudante consegue conversar com outro sobre algo, isso demonstra que ele aprendeu sobre esse tema. Assim, o



conhecimento deve ser falado e apresentado de forma que todos possam entender. É importante enfatizar que a oralidade é um dos pontos cruciais para as religiões de matrizes africanas, e como bem cita Dario Henrique, o pai de santo do Terreiro Ilê **Axé Ojuomi**,: o “desenvolvimento da oralidade é algo trazido pelos nossos antepassados e por isso a importância da fala”, pensamento que reforça o que já foi apresentado por Mundicarmo (2009): “as religiões afro-brasileiras têm sido apresentadas, desde Nina Rodrigues, como iniciáticas, de transmissão oral, e a oralidade tem sido encarada como fidelidade a tradições africanas e como algo que deve ser perpetuado por todas as denominações religiosas”.

Com esse pensamento, todo grupo foi convidado a analisar o encarte do cd do grupo de afoxé **Omô Nilê Ogunjá**, com foco para a música semente de verdade.

Imagem 2 - Encarte do Cd do Afoxé Omô Nilê Ogunjá



Fonte: a autora

Houve um momento de conversa em grupos e depois um debate seguido pelo canto da música em coro que emocionou a todos.

O professor Marcos apresentou o conceito de inovação pedagógica e a inter-relacionou com uso da tecnologia e das metodologias que facilitem a aprendizagem, a equidade e eficiência (processo de aprendizagem + equidade e



eficiência). Para aprofundar ainda mais essa reflexão, levamos em consideração o que Traxler escreveu sobre como a colonização se manifesta na tecnologia. Debates e problematizamos como as tecnologias trazem consigo as questões colonizadoras. Por exemplo, os termos utilizados em suas referências e aplicabilidades ou as adaptações linguísticas que realizamos para manter o uso.

Temos que nos engajar criticamente com as tecnologias digitais, especificamente telefones celulares e computadores pessoais, para perceber até que ponto 'o diabo está no detalhe', até que ponto as minúcias das interfaces, interações e imagens digitais são permeadas pelas ideias, metáforas e expressões idiomáticas do inglês (global) (americano) dominante. (Traxler. 2022)

Num segundo momento, o professor Ivanildo nos proporciona uma reflexão sobre as questões decoloniais, a partir de slides provocativos sobre a descaracterização que a colonização gera nos colonizados.

Imagem 3 - Momentos da aula



Fonte: a autora

Debates e aprendemos sobre os termos: decolonialidade e descolonização, um momento esclarecedor e participativo. Vimos que para termos uma educação decolonial, assim como afirma Catherine Walsh, não devemos ficar felizes apenas em nos libertarmos, precisamos mudar as estruturas e as instituições, inclusive a Universidade, a fim de direcionar uma pedagogia diferenciada. Outro ponto importante do debate foi a do privilégio branco, que reforça os pilares coloniais.



Em seguida, participamos de uma oficina de dança e de percussão com os integrantes do afoxé, envolvendo um estudo das letras das músicas, de movimentos do corpo e dos conhecimentos de ritmo e de musicalização, um momento de muito entrosamento e relaxamento para o grupo.

Imagem 4 - Oficina de percussão



Fonte: a autora

No segundo encontro, as reflexões foram mais aprofundadas com a apresentação do teatro de mamulengos, **Raízes do voo da Sankofa** e a potência do Boi bumbá, criado pelo grupo de pesquisa **Aiai Sankofa**, liderado pelo professor Dr. Ivanildo de Carvalho. Os bonecos nos levam por uma viagem ao Egito para desmistificarmos conhecimentos matemáticos, que equivocadamente são vistos como oriundos de estudiosos brancos. Ao final da apresentação, o professor nos revela que Sankofa significa que nunca é tarde para aprender com o passado. Ele faz ainda referências de que os conhecimentos ancestrais podem ser trazidos para a atualidade, ressignificando-os, como os símbolos adinkras, podendo trabalhar o conceito de simetria, mesmo eles não sendo da matemática.

Imagem 5 - Matemática afrocentrada



Fonte: a autora

Como um dos objetivos dessa disciplina é planejar atividades pedagógicas e desenvolver instrumentos de avaliação para aprendizagens suportadas por metodologias ERER, isso só poderia realmente ser executado em escolas regulares. Por isso, recebemos a visita de alguns representantes das escolas que estão localizadas no entorno do terreiro para que estas fossem apresentadas a estrutura das atividades planejadas. As escolas que trabalhamos foram: a Escola Lagoa Encantada; Sesi Ibura; Sebastião Leme e Jordão Emerenciano. Cada um de nós, escolher a escola com a qual se identificava e posteriormente formamos os grupos de trabalho.

Ainda como proposta de imersão, fomos conhecer outro terreiro de candomblé, o de **Xambá**, localizado no bairro de São Benedito, em Olinda/ PE.

Imagem 6 - Visita ao terreiro de Xambá



Fonte: a autora



Fomos recebidos pelo cuidador do local que apresentou a história do espaço, ele é o primeiro quilombo urbano do Norte e Nordeste e iniciou suas atividades em 1928. O terreiro é um espaço rico de acervo fotográfico, com exposição de objetos, roupas e utensílios ligados ao candomblé.

Ao fim do primeiro módulo, tivemos a palestra da astróloga Ângela Brayner e nos conectamos com a filosofia, a astrologia e a mitologia. Ela apresentou aspectos da educação e novos direcionamentos educacionais.

Imagem 7 - Palestra da astróloga Ângela Brayner



Fonte: a autora

Posteriormente, participamos do feijão de Ogum. Evento que reverencia a resistência das senzalas e as memórias das pessoas escravizadas, das culturas e das tradições negras, que fortalece as lutas antirracistas, através do cortejo do afoxé pelas ruas do bairro e serve o feijão à comunidade.



Imagem 8 - Feijão de Ogum



Fonte: a autora

3 MÓDULO II – PRÁTICA E DESAFIO

No primeiro dia, do segundo final de semana dessa disciplina, visitamos a escola destinada ao nosso grupo, o SESI Ibura. Nesse encontro, objetivamos despertar nos jovens o início de um pensamento crítico-reflexivo sobre as questões étnico raciais. Para isso, organizamos o auditório para receber as turmas do Ensino Médio, que foram separadas em 4 grupos. Nossas atividades seguiam o roteiro pré-estabelecidos, a partir de reuniões no *google meet*: Apresentação do grupo; realização de questionário do *google* formulário, repassados para os estudantes por meio do *QR code*, exibição de vídeo; debate sobre o vídeo; dinâmica do jogo do privilégio branco e para finalizar, uma reflexão sobre a dinâmica e as atividades que eles haviam participado até o presente momento. Definitivamente, esse foi o ponto alto da disciplina, visto que concretizamos o que estudamos. Foi possível ver, em cada jovem que participou, os impactos das atividades. Alguns choraram com o vídeo, outros se indignaram com sua posição no jogo, mas todos refletiram sobre o tema proposto.

Também é importante destacar a participação dos professores e da coordenação da escola nessa abertura para o trabalho com as relações étnico



raciais. Cada turma veio acompanhada pelo seu professor (a) que sempre expunham a sua opinião na hora do debate.

Após essas ações, os nossos encontros voltaram a ocorrer na sede do Afoxé. O Professor Dr. Marcos Barros, nos desafiou a encontrarmos, na redondeza do terreiro, algum aluno (a) ou ex-aluno(a) que fosse da escola com a qual trabalhamos. A proposição partia de uma gincana, o grupo precisaria andar pela comunidade à procura do estudante que pudesse ir ao terreiro a fim de relatar sua experiência com as atividades vivenciadas na escola.

O meu grupo se dividiu em duplas e conversando com as pessoas que estavam na rua, questionavam se conheciam alguém com as características que precisávamos. Depois de poucos minutos de procura, achamos uma aluna que esteve conosco no dia anterior, realizando as atividades. Ela e seu pai compareceram e deram seu depoimento. Foi muito interessante perceber o apoio da família com a temática trabalhada. Nesse mesmo dia, ainda analisamos as respostas dos estudantes colhidas no questionário e apresentamos para o grande grupo a nossa experiência e os nossos dados.

O fechamento dessa disciplina possuiu a participação de vários convidados, pertencentes a comunidade, que apresentaram suas experiências, seus projetos de intervenção e de melhoria do seu território. Entre eles estava a mãe de Santo, mãe Nadja, grande representante da cultura e das religiões afro-brasileiras, ela relatou as dificuldades que seu maracatu enfrenta para se manter vivo.

Ao encerrar as atividades presenciais, fomos envolvidos, mais uma vez, pela voz de Nalva Silva, transformando o ambiente em um recanto de leveza, alegria, paz e satisfação e gratidão por tudo o que foi vivenciado.



Imagem 9 - Finalização da disciplina



Fonte: a autora

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disciplina “Metodologias, Aprendizagem e a Educação das Relações Étnico-raciais 2023”, do Programa de Pós graduação em Ensino das Ciências e da Matemática, da UFPE, apresentou um modelo diferenciado ao propor sua realização de forma imersiva no terreiro de candomblé **Ilê Axé Ojuomi**. Através dessa disciplina, 4 escolas próximas ao terreiro, foram atendidas com o propósito de levar a discussão das relações étnico-raciais para os jovens estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio.

Para isso, os estudantes da disciplina, vivenciaram durante dois finais de semana, uma experiência presencial que perpassou por mais de 30 estratégias didáticas para esclarecimento e fortalecimento das práticas educativas decoloniais. Mas para além disso, todos os participantes se envolveram nessa jornada de autoconhecimento e de resgate da nossa história a fim de mudar os rumos da nossa Educação.



REFERÊNCIAS

CASTRO, Lima Janete; SANTANA, José Paranaguá; NOGUEIRA, Roberto Passoa. Izabel dos Santos: **a arte e a paixão de aprender fazendo**. Natal: Observatório RH NESC/UFRN, 2002.

FERRETTI, Mundicarmo. **Oralidade e transmissão do saber nas religiões afro-brasileiras**. In: ALMEIDA, Adroaldo J. S.; SANTOS, Lyndon de A.; FERRETTI, Sergio F. (org.). **Religião, Raça e Identidade: Colóquio do Centenário da Morte de Nina Rodrigues**. São Paulo: Paulinas, 2009.

John. **Decolonising Educational Technology**. No prelo, 2022.

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales**. In: ALARCÓN, Tatiana Gutiérrez et al. **Convergencias y divergencias: hacia educaciones y desarrollo “otros”**. Bogotá: Corporación Universitaria Minuto de Dios - UNIMINUTO. Centro de Educación para el Desarrollo (CED), 2017.